

# A pulsão 'destrutividade' e o 'pai' do *self*

O acesso ao real em Winnicott

Daniel Delouya

Em Winnicott, a função do pai não é colocar o bebê numa situação triangular, mas sim provocar o sinal de disparo para que o *self* comece a se esboçar, a partir do ambiente materno com o qual o sujeito se encontrava fundido.

"Entre o falso e o verdadeiro, o amor"

Arik Einstein

**E**m um comentário relativamente tardio e, segundo os editores, inacabado, Winnicott parece promover um encontro extremamente profícuo entre suas recentes explorações e as de Freud: o artigo "Uso de um Objeto no contexto d'O Homem Moisés e a religião monoteista"<sup>1</sup> não fornece apenas um indício sobre o grande potencial *winnicottiano* do último livro de Freud, mas revela

também como através desta íntima conversa, Winnicott se utiliza de um *insight* para conquistar mais um terreno na sua já extraordinária caminhada.

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e pesquisador (pós-doutorando) no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP.

## Freud e Winnicott: nota introdutória

Winnicott costumava dizer que ao escrever tentava explicitar suas idéias para si mesmo e com as próprias palavras, sem se preocupar se fazia uso de elementos que tinha tomado (“*roubado*”) de outros. Porém, embora empregue termos simples, ele demonstra um rigor sem igual na maneira com a qual submete suas intuições clínicas à elaboração teórica. Tal qualidade, somada à sua implacável honestidade intelectual, contrasta gritantemente com certa pieguice que caracteriza hoje algumas adesões a seu trabalho. Por outro lado, ele teve Freud como um acompanhante vivo e constante. Ter iniciado uma longa análise (1923-33) com James Strachey, logo após este concluir a sua própria com Freud não é de pouca importância.<sup>2</sup> Portanto, não nos surpreende encontrar no início de uma primeira carta a um futuro paciente a seguinte frase: “*Convido você a examinar sua relação com Freud para que você possa ter a sua própria relação...*”<sup>3</sup>

Entretanto, a coerência, a clareza e o rigor de Winnicott não significam, ou são mesmo contrários - sobretudo em relação ao trabalho de Freud - a uma exegese. Esta levou, muitas vezes, ao enrijecimento do já “*disciplinadíssimo sistema de Freud sobre o funcionamento mental*”.<sup>4</sup> Uma exegese freudiana (de Lacan e Laplanche) - que distingue pulsão de necessidade, ou pulsão sexual de auto-conservação, com o intuito de exilar, apressadamente, o segundo termo de cada um desses binômios para o desconhecido terreno da biologia - jamais poderia abrir lugar para um interesse como o de Winnicott, acerca do mundo psíquico proporcionado pelo ambiente da adaptação materna, das necessidades, etc. Winnicott evitou este escolho também por ter sido dotado de uma intuição clínica que, à diferença do acolhimento imagi-

nativo de Freud, era impregnada de uma “capacidade (semelhante à) da mãe de se identificar com a criança... que é a coisa viva daquilo que chamei de *preocupação materna primária*”.<sup>5</sup>

**E**m Winnicott, o elo novo, ou pelo menos raro, é ligar a necessidade e o ambiente com a presença do pai.

## Winnicott e a função do pai

Freud se adiantava em suas formulações metapsicológicas antes de ter obtido uma base clínica para assegurá-las. A pulsão de morte é um dos lugares em sua obra onde, segundo Winnicott, Freud estava perto de uma conclusão teórica, que no entanto não pôde realizar porque não dispunha ainda de tudo o que os casos-limite e a psicose viriam a ensinar no decorrer das três décadas que se seguiram à sua morte. Winnicott adverte o leitor: ele nunca foi apaixonado pela pulsão de morte, e “ficaria muito feliz se pudesse aliviar Freud deste fardo que carrega para sempre em suas costas de Atlas”. Penso que ele faz muito mais.

A clínica dos casos-limite mostrou (aqui Winnicott é enfático) que “grande parte do que acontece com, e nos, bebês está associada com a área da necessidade, quer dizer, fora do âmbito do desejo e das representações pré-genitais do Id que

clamam por uma satisfação”. O interessante aqui é o elo novo, ou pelo menos raro, em Winnicott, que ligaria a necessidade e o ambiente com a presença do pai. Freud não podia saber, continua ele, que grande parte dos problemas com que nos defrontamos hoje relacionam-se à presença efetiva do pai. A parte que este toma na experiência do relacionamento entre ele e o bebê e vice-versa, além das conseqüências que a imago paterna, e o destino que esta toma na realidade interna da mãe têm para este relacionamento, “são coisas para se viver (mais do que interpretar) na relação transferencial”.

O fortalecimento do ego imaturo do bebê pela adaptação suficientemente boa da mãe às suas necessidades, tem toda a relevância para a questão do pai. “A terceira pessoa me parece ter uma grande parte” neste fortalecimento progressivo, que leva o bebê, num ambiente favorável, a integrar uma identidade própria. Winnicott precisa que o “papel” do pai ao qual se refere independe de se o pai ocupava, ou não, o lugar de substituto da mãe (“*surrogate mother*”). Pois em algum momento a presença do pai passa a ser sentida de modo singular: “nesse momento o bebê tende a usar o pai como molde (“*blueprint*” - diagrama) para sua integração quando vem a se formar, de tempos em tempos, enquanto unidade... O pai é, para a criança, este primeiro vislumbre (“*glimpse*”) de uma integridade e do um-todo da pessoa (“*personal wholeness*”)”. E, para não deixar lugar a qualquer dúvida, afirma que, se a mãe é de início um objeto parcial ou um conglomerado de objetos parciais para o bebê, isso não ocorre em relação ao pai, porque se o caso for favorável: “de início, o pai se apresentará, na conceptualização mental do bebê, como um-todo... enquanto organizador de uma integridade, e só depois torna-se um objeto parcial significativo”.<sup>6</sup>

## Intervalo: o Moisés de Freud

Basta esta exposição para introduzir a proximidade que Winnicott encontrou no livro de Freud, no qual este trata da religião monoteísta em relação com o pai. Mas Winnicott a afina com a seguinte pergunta: estaria Freud pronto para a hipótese de que as duas idéias, a de ter um pai e a do monoteísmo, representam as primeiras tentativas na história de reconhecer a *individualidade*<sup>7</sup> do homem, de cada indivíduo? A pergunta de Winnicott não é de ordem histórica, mas tem como alvo uma indagação acerca da origem e do processo de formação do *self*. Em vista de suas recentes descobertas relativas ao uso do objeto, Winnicott se vê perto da solução para um questionamento que para ele fora sempre central. Por outro lado, seu *insight* sobre a função do pai na constituição do

Qual a ligação da pulsão de morte com a função que Winnicott designa para o pai?

mundo psíquico do bebê deixa um terreno fértil para dar crescimento a uma das sementes deixadas por Freud, aquela encontrada n'O Eu e o Isso que alega que a primeira identificação da criança é com o pai. Porém, o que nos guia aqui é o contexto no qual Winnicott trabalha e pensa. Nesse sentido, uma parte de sua argumentação, cuja evolução acompanha-

mos até o momento, já suscita uma série de questões. É o momento de formularmos aquelas que julgamos pertinentes para o tema.

Vimos que Winnicott evoca, desde o início, a pulsão de morte. Qual é a ligação dela com a função que ele designa para o pai? Como este "papel" se relaciona com o *uso de um objeto*, o último estágio no desenvolvimento do seu pensamento? Por fim, teriam esses aportes conseqüências significativas para a reconfiguração da questão do pai em Freud em relação à sua teoria das pulsões?

O espaço não me permite tratar todas estas perguntas com a atenção que merecem. Contudo, pretendo considerá-las seguindo a argumentação que há pouco interrompi.

Winnicott encontra um apoio para a origem da individuação, do *self*, na citação seguinte que Freud coloca em nota de rodapé: "Breasted (1906) chama Amenophis 'o primeiro indivíduo na história da humanidade'". Segundo Winnicott, Freud não integrou a citação no corpo do texto porque não podia dar conta dela em termos do recalque e das instâncias do aparelho psíquico. É a razão de "eu ser viciado pelas citações e notas de rodapé do seu texto, onde Freud se permite ir mais longe do que a sua própria teoria do momento... sinto que ele daria boas vindas a um novo trabalho, que forneceria um sentido para o comentário de Breasted em termos de *uma tendência integrativa no desenvolvimento emocional do indivíduo que leva o sujeito para um estado (status) unitário*". Se juntarmos esta tendência integrativa (do interior do sujeito) com a formulação anterior (que foi dada em termos de um pai real, no exterior, necessário para fornecer o molde de *um-todo* para a criança), já entramos no âmago do domínio winnicottiano: a zona dos paradoxos situados a meio caminho, *entre* ambiente e necessidade, criação e encontro do objeto, fenômenos transicionais etc. Mas não vamos nos

adiantar sob pena de perder um novo desdobramento que Winnicott está prestes a efetuar sobre um dos fios soltos deixados por Freud.

## Da relação de objeto ao uso de um objeto

O passo decisivo de Winnicott consiste em tecer essas considerações no contexto do tema do *uso* do objeto. Para isto, lança mão do que pôde apreender a partir dos casos-limite; descoberta que já havia intuído, de certa maneira, no contato que teve com crianças delinqüentes, e também no esboço das suas idéias em torno da agressividade.<sup>8</sup> No tocante ao problema do uso do objeto, é sua variante, *a destrutividade*, que se torna premente. Meu intuito, neste momento, é de chamar a atenção sobre a relação entre o *real* e a *destrutividade*. Veremos como toda a descoberta em torno do *uso* está associada com o desvelamento de um processo de desenvolvimento/amadurecimento (*maturation*): este permite ao sujeito desfrutar de um *sentir-se real* ("feeling real"), solidário com a emergência do *self*, e que denomina, neste trabalho, como *individuação*.

Quando Winnicott fala do uso de um objeto, pressupõe como dada a relação de objeto. A *relação* diz respeito aos mecanismos subjetivos de projeção e introjeção onde o objeto serve apenas como apoio, isto é, sem relação com sua natureza ou com seu comportamento. Para que haja um uso do objeto, este deve deixar de ser, no sujeito, apenas um "pacote de projeções". Então sua realidade pode vir a ser levada em conta: primeiro, enquanto ser real que faça parte de uma realidade compartilhada; segundo, para que sua existência independente possa ser aceita e reconhecida, "tendo o caráter de ter estado aí o tempo todo". O atributo de *realidade* desdobra-se, então, em vários planos que emergem

concomitantemente no e para o sujeito: a realidade compartilhada, o objeto enquanto ser independente (de mim), e o eu sentido-se real (um *self*), são interdependentes no lugar e tempo do seu surgimento. Contudo, tal eventualidade é condicionada por *mais um* real (sem o qual Winnicott não seria winnicottiano): para que este processo vingue é preciso que a presença, o caráter e o comportamento real do próprio objeto constituam o ambiente facilitador, e não reajam contra o processo.<sup>9</sup>

A sucessão de estados através dos quais o sujeito colocará o objeto fora da área subjetiva (domínio das relações de objeto), ou seja, fora do controle onipotente do sujeito, é mediada por aquilo que Winnicott chamou de *destrutividade*. Foram os casos-limite que o levaram a esta evolução em relação à questão do uso. O acesso, no paciente, a esta destrutividade - que é vivida, freqüentemente, como loucura - é uma necessidade não só dos casos-limite, mas também configura um limite que muitos "casos" precisam atravessar. Adquire-se tal privilégio somente quando o analista for bem sucedido em se fazer disponível para este *colocar para fora*, que é um acontecimento interno no paciente. Fica claro por que Winnicott descreve este processo em termos de destruição do objeto na fantasia - chamando-a de "fantasia pano de fundo" (*backcloth fantasy*) - e em termos da sobrevivência do objeto.<sup>10</sup> Sua perspicácia clínica revelou-lhe como a destruição do objeto na fantasia torna-se também o pano de fundo inconsciente para o amor ao objeto tornando-se real. É por isso que ele sempre compara este processo com o fenômeno de reparação, descrito muito cedo por Melanie Klein. A hesitação de Winnicott entre os termos *provação e destruição* para este processo nos faz lembrar Pontalis, que diz: "o ódio desvairado da reação terapêutica negativa esconde um anseio amoroso (pelo objeto)."<sup>11</sup>

Resumindo, o processo em questão está descrito nesta sequência: "1. O sujeito *relaciona-se* com o objeto. 2. O objeto está em processo de ser encontrado, ao invés de ter sido colocado pelo sujeito no mundo. 3. O sujeito *destrói* o objeto. 4. O objeto sobrevive à destruição. 5. O sujeito pode *usar* o objeto" (n. 1, artigo 1).

### A pulsão unitária do não-eu e o terceiro do *self*

No começo o bebê não tem a capacidade de perceber, reconhecer ou repudiar o *não-eu*. A clínica mostra que a aquisição desta capacidade se desenvolve mediante a aceitação ou reação, por parte do ambiente, aos *anseios* (*strivings*) do bebê. A novidade neste trabalho de Winnicott surge quando se refere à destrutividade enquanto *pulsão*, o que não ocorre em seu trabalho original sobre o uso de um objeto (n. 1). Diz ele: "olhei para os primeiros estágios das pulsões (*drives*)... e quero dar conta deste processo em termos do ambiente ir *pari passu* com as *pulsões de vida* do indivíduo". Enquanto pulsão, a destrutividade lhe permite reconfigurar a pulsão de morte ao entremeá-la na função do pai. É com isso que esta nota inacabada dá início a uma revolução.

"O ponto crucial do meu argumento, diz ele, é que a primeira pulsão (*drive*) é uma coisa só (*is itself one thing*), algo que chamo de *destrutividade*". Interrompo a citação porque o que se segue nesta frase diz respeito à conversa que vem tramando com Freud ao redor da pulsão de morte. Freud, segundo ele, não se mostra apenas generoso para com Empédocles (495 A.D) quando reconhece em seus escritos os precursores da dualidade pulsional, de vida e morte; ele nos permite usar a citação do filósofo, trazida no final da *Análise Terminável e Interminável* (1937),

para mostrar que o grego deu um passo à frente de Freud. A força de amor (*philia*), que *anseia aglomerar*, é segundo Winnicott a tendência integrativa que nada tem a ver com a relação de objeto. No entanto, é *neikos*, a força de embate-disputa-contenda (*strife*, em inglês), tendendo a desligar e desatar, que permite a Winnicott (na continuação da frase que citamos) chamar a 'destrutividade' - *primeira e uma pulsão* - de "pulsão de amor-disputa". "*Esta unidade é primária*". Solução brilhante, pois o despertar da tendência aglomerativa de *philia*, que se realizará no decorrer do processo de amadurecimento, depende de se vislumbrar, num real que começa a se esboçar e se constituir, um pai enquanto uma e só unidade. Entretanto, é somente a potencialidade destrutiva de *neikos* que abre o caminho para chegar ali (ao real). Ao mesmo tempo, tudo isto deve ser articulado em referência ao ambiente facilitador.

Winnicott chama a destrutividade - primeira e uma pulsão - de pulsão de amor-disputa. É *neikos* que abrirá o caminho ao real.

A dificuldade em explicitar a novidade introduzida por Winnicott é visível: estamos num campo minado, onde a descrição pode se apresentar somente em forma de paradoxos. Este fato, porém, não deve nos desencorajar no exame do saldo positivo deste esforço: além da pulsão unitária abrir o caminho

para o uso do objeto - estabelecendo, concomitantemente, a realidade do não-eu, o sentir-se real (*self*) e a consciência do investimento amoroso em meio a uma realidade compartilhada - ela mostra sua soli-

**A** pulsão unitária abre caminho para o uso do objeto, mostrando sua solidariedade com a função do pai.

clariada com a função do pai; o uso da pulsão destrutiva superpõe-se à função do pai, à sua figura enquanto molde unitário para o bebê. Mas atenção! Toda a dificuldade provém desta pulsão não preservar o sentido pelo qual Freud concebeu a pulsão sexual (investimento, descarga, prazer etc.), pois, na pulsão primária de Winnicott, a ação do verbo é atrelada ao objeto e com o objeto: "a pulsão é potencialmente destrutiva, porém se ela o é ou não dependerá de como é e quem é o objeto". Entende-se porque ele reconheceu *a posteriori* a contribuição de Fairbairn em torno da noção de *object-seeking* (procura-objeto) e seu elo com o sentir-se real (ver n. 3 e 5). E por falar em dívidas, e ainda que Winnicott ande, neste texto, de mãos dadas com Freud (o do *Moisés*) mal sabe ele que, no que diz respeito a esta evolução (primazia da pulsão "destrutividade", eu/não-eu, relação com um objeto to-

tal, etc.) Freud o antecedeu em seu *As pulsões e seus destinos* (1915): "Bem no início da vida, diz Freud, há uma identidade entre aquilo que é odiado, o mundo externo e seus objetos... No primeiro momento, são as pulsões de auto-conservação que trazem o objeto do mundo externo para o eu; ... é o ódio que caracteriza a primeira relação... é só depois que os objetos passam a se constituir enquanto fonte de prazer". Após firmar a seqüência indiferença-ódio-amor, Freud dirá que amor e ódio são relações que não cabem naquelas que as *pulsões* têm com seus objetos, mas pertencem a um gênero de relações *totais* entre o eu e o objeto. E coloca mais uma restrição: as pulsões de auto-conservação não amam o objeto, é esquisito dizer isso, mas *necessitam* dele. E o ódio? Qual necessidade preenche? Quem tiver boa vontade poderia traçar, em Freud, uma linha reta da autoconservação à pulsão de morte. Mas no que diz respeito a Winnicott, espero que tenha ficado claro que, invertendo a ordem gramatical das frases citadas, aproximamos - e muito - Winnicott de Freud, como se as afirmações dos dois se situassem num palíndromo. É que Freud olha desde o sujeito e Winnicott desde o ambiente. Winnicott, por conseguinte, obtém uma vantagem grande sobre Freud, ainda mais quando o pai encontra aí seu lugar.

**Do objeto subjetivo ao sujeito objetivo (*self*)**

Os escritos em torno do uso de um objeto datam do último período da vida de Winnicott, e neles há a preocupação em descrever este fenômeno de acordo com o que foi vivendo na clínica dos casos-limite (em adultos). Com exceção de algumas inferências esparsas, Winnicott não teve tempo de se deter sobre as conseqüências desta descoberta para a vida infantil e para a constituição da vida mental do

sujeito. Somente aqui, no contexto do *Moisés*, é empreendida esta tarefa. A interrupção precoce torna-se motivo para tentarmos um desfecho que lhe possibilite inserir-se no seu pensamento e renovar o conjunto dele.

Quando Winnicott diz que a pulsão é destrutiva e que a sobrevivência do objeto leva ao seu uso, ele se refere ao fato de que, se houver reação (retaliação) a ela por parte do ambiente, o bebê tomará esta atitude como sendo aquilo que seria seu próprio impulso provocativo (agressivo, destrutivo). Neste caso, o bebê nunca poderia experienciar, *ou fazer sua*, esta fantasia destrutiva. Quer dizer que a fantasia inconsciente da destruição do objeto *libidinizado* não se sucederá, impedindo, por conseguinte, tanto a colocação do objeto fora da área *das projeções*, como a abertura para a consciência do amor que tem pelo objeto, o qual assim se torna real e pode ser usado. Enquanto apreensão clínica ou *insight* de uma situação transferencial, este fenômeno é compreensível; representa uma grande contribuição para a psicanálise, em especial a dos casos-limite. Porém, Winnicott se defronta com uma série de problemas: se o caminho para o uso é travejado pela área *das projeções*, e por outro lado pressupõe um objeto *libidinizado*, por que - no que diz respeito à constituição do sujeito - ele continua afirmando que o processo que vem descrevendo pertence a um estágio primário e primeiro, que nada tem a ver com a sexualidade e o mundo pulsional freudiano? "Esta insistência (*urge*) provocativa - destrutiva, agressiva, invejosa (Klein) - não pertence ao princípio de prazer e *nada tem a ver com a raiva que resulta das frustrações inevitáveis associadas ao princípio de realidade*. Ela os precede."

A solução possível é que se trata aqui de aspectos constitutivos e estruturantes de um certo curso, que se realiza mediante um processo de

amadurecimento no qual o ambiente está necessariamente implicado. É verdade que falar, em Winnicott, de estrutura e constituição soa muito estranho. Entretanto, a pulsão, a destrutividade, é uma *procura-de-objeto* (*object-seeking*), que existe desde o começo para “cavar” agressivamente - em meio a um processo de amadurecimento que tem como condição a provisão materna - um caminho para a criação do *self*. Porém, para se constituir, esta tendência (de contenda-disputa que é, ao mesmo tempo, aglomerante-integração em direção ao *uno*), necessita do pai enquanto o *um* estruturante. Como se a experiência de um terceiro presente constituísse o ponto final, de chegada, de uma trajetória de disputa-integração - mas ao qual não se daria início (outro paradoxo) sem a efetiva presença deste pai. É uma função estruturante para um “projeto” cuja realização se dá num processo de amadurecimento, que, além de se desenrolar num ambiente e ser condicionado por ele, implica interações com elementos e processos de outras fontes, como as pulsões sexuais e alguns mecanismos operantes, entre os quais a introjeção, as projeções, as identificações cruzadas. Como dissemos atrás, o “projeto” do qual se trata aqui é de se tornar um *self*. No entanto, se o pai tem um papel estruturante, a matéria-prima e o recheio para este *self* provêm de outra fonte; eles brotam, de alguma forma, do mesmo meio que condiciona o processo. Refiro-me evidentemente ao ambiente materno. De que forma e de que maneira? Antes de esboçar em linhas gerais a resposta para esta questão, gostaria de apontar para um fato curioso: no início de um artigo muito conhecido, Winnicott deixou em aberto a seguinte pergunta: a capacidade do bebê de estar só na presença da sua mãe pressuporia uma situação triangular?<sup>12</sup>

A função do pai não o coloca necessariamente numa situação triangular clássica, pois o processo em questão diz respeito à diferenciação entre eu e não-eu; o instante de vislumbrar o pai constitui o sinal de disparo para um processo no qual um *self* começa a se esboçar, emergindo a partir de um ambiente materno com o qual o sujeito se encontrava até então fundido. Se queremos auxiliar Winnicott em uma das suas preocupações centrais, a natureza e origem do *self*, devemos integrar esta análise em sua tentativa de elaborar esta questão em termos de elementos masculinos e femininos puros: o primeiro relaciona-se com as pulsões sexuais e com seus “vetores” - ativo e passivo - em relação ao objeto, bem como às experiências envolvidas com as zonas erógenas. Em contraste, o elemento feminino puro relaciona-se com o seio, ou a mãe, não por intermédio dessas pulsões, mas no sentido de uma relação de indiferenciação entre sujeito e objeto. Este primeiro objeto é um *objeto subjetivo* no sentido de ser “um objeto ainda não reputado como um fenômeno não-eu”. Referir-se a uma relação significa, neste caso, mais do que em outros, uma estreita confluência desse fator com o ambiente (mais fundamental que o fator que diz respeito aos fenômenos transicionais), por se tratar de uma provisão materna *primária* do sentimento de SER (*being*). É por isto que Winnicott, neste momento, fala de uma *identidade* e *identificação primária*. É desta capacidade (ou fracasso) da mãe em atender a necessidade, implícita no elemento feminino puro, que dependerá a abertura do caminho em direção ao *sujeito objetivo*, ao *self*, e ao sentir-se real. A capacidade de ser é, então, fruto de uma herança

de caráter cultural, de mãe para o filho. SER é um estado no qual o bebê vive num mundo subjetivo, onde não há lugar ainda para uma *relação* (não há *dois*); não se pode falar aí de uma união *entre* ou *com* a mãe, mas de um estado fusional, total: é um “objeto subjetivo”.

Num primeiro estágio, não há lugar para o id, nem para relações pulsionais: não ocorreu ainda a separação sujeito/objeto.

Masud Khan encontrou um paralelo para esta vivência no adulto quando descreve um estado de *deitar-se arado* (“*lying fallow*”): “um modo de ser de quietude alerta; um estado de consciência acordada e receptiva, vagueando lenta e suavemente”.<sup>14</sup> Eis então a posição do bebê: *deitado*, como a terra arada, receptivo; ainda sem sementes, porém fertilizado pela matéria orgânica - a presença materna, depositária de uma herança viva de provisão materna, que se transmite através da cadeia de presenças sucessivas de mães...

Nesse estágio primeiro, não há lugar para o id, nem para relações pulsionais, porque a separação entre objeto e sujeito não ocorreu ainda. Para que esta aconteça, é necessário haver um *novo ato psíquico*, já que o qualitativo SER descreve um estado que antecede o de *estar-em-união-com*. Uma vez ad-

quirido um recheio, SER, o novo elemento - o *self*, o uno - vai se formando por intermédio da pulsão winnicottiana, a destrutividade (é este o ato psíquico), que, ao fisgar o pai que a desperta (paradoxo), recorta o *um*. Os contornos deste *self* incipiente são gerados ativamente - à semelhança de envelopes no ser vivo em formação - circundando SER para esboçar um *self*. SER condiciona então a possibilidade de poder "enxergar" o terceiro que incita a 'destrutividade' de "colocar para fora", e de criar, concomitantemente, o real objetivo do objeto (estar aí) e o real objetivo subjetivo (eu/não-eu) do ser, isto é, o *self*, a raiz da identidade de um indivíduo.

Tendo estabelecido as condições primeiras e primárias para a constituição do *self*, o caminho estará aberto para que a mescla entre elementos puros femininos e masculinos participe da criação dos mecanismos projetivos e introjetivos. Junto com as instâncias do eu, do isso e do supereu, que se constituíram no meio do caminho, entre um eu rudimentar e os processos descritos acima, ocorrem as identificações secundárias, chamadas de identificações cruzadas. Estas fazem parte de processos complexos, descritos por Freud, Klein e outros. Assim, a inserção dos processos primeiros e primários no jogo complexo de construção do psiquismo daria lugar a etapas sucessivas no "acabamento" do *self*.

### Remate: Winnicott e Freud

É a primeira vez que o pai vem a ocupar um lugar tão fundamental na obra e pensamento de Winnicott. É somente a partir das questões em torno do uso do objeto que o pai passa de um mero substituto (*surrogate*) da mãe (em sua função ambiental), ou do lugar que lhe foi consagrado na triangulação edípica clássica - um estágio distante da área

sobre a qual focalizou seu trabalho - para uma função que nada mais é do que a construção do real; o objeto primordialmente subjetivo torna-se sujeito objetivo (*self*). É interessante que nesta tentativa de descrever o originário - o que é chamado, com frequência, de *matriz edípica primordial* - Winnicott colocará, na base do acesso ao real, um elemento *estruturante e constitutivo* de caráter *negativo*: a pulsão destrutiva que "coloca para fora" para ser real e ver-se no real. Quer dizer, é uma força que paradoxalmente constrói ao destruir e destrói ao construir (é o que ele nos lembra sobre a concepção do fogo entre os gregos - cf. n. 1). O negativo enquanto constitutivo do acesso ao real é algo muito freudiano. Todavia, neste caso, Winnicott o faz surgir do sujeito, enquanto pulsão, ao passo que em Freud - e nos freudianos - o negativo é constitutivo da realidade. É isto que tentei descrever, com a ajuda de LeGuen (cf. n. 6), num trabalho que se debruça, curiosamente, também sobre o *Homem Moisés e a religião monoteísta*.<sup>15</sup> Embora o tenha redigido antes mesmo de conhecer o comentário de Winnicott, lá também enfatizei os entrecruzamentos e a interdependência, dialética e paradoxal, entre a provisão materna e o negativo. Entretanto, em Winnicott, a capacidade materna de prover SER é primeira. A realidade tem por função prover, através da mãe, o ambiente facilitador para o trabalho da pulsão, da destrutividade, para que esta trilhe SER, dando-lhe acesso ao real; para que emergja um *self*. Há uma primazia do positivo, a ser provido a partir da realidade, para que um interno *negativo* facilite o acesso ao real. Para isso é preciso haver um indício do real, dado por um terceiro (pai), cuja notação é condicionada pelo SER do qual o sujeito é provido. Já no modelo freudiano, a realidade do ambiente é impregnada de um negativo constitutivo que age sobre o anseio pulsional *positivo* para possibilitar o acesso do sujeito ao real.

No entanto, a concordância com Freud quanto à primazia do negativo para o acesso ao real, e quanto à ligação entre um sujeito objetivo (do *self*, de poder ter uma identidade e de ser um indivíduo) com a questão do pai e seu negativo, não giram apenas em torno do que Freud elaborou em *Moisés*. Freud encontra-se numa situação muito delicada, quando aventa implicitamente a possibilidade das pulsões investirem objetos no início da vida, quando o que existe é apenas um eu muito rudimentar. Pois investimento pressupõe uma diferenciação prévia do eu e do supereu a partir de um isso indiferenciado, o que não se coaduna com o desenvolvimento teórico segundo o qual o eu se consti-

A pulsão destrutiva é uma força que, paradoxalmente, constrói ao destruir e destrói ao construir.

tui por intermédio das pulsões. A urgência de uma solução para este problema transparece com força, pelo menos desde 1914, e permanece até 1926. A solução veio com seu grande trabalho *Luto e melancolia* (1915), onde colocava as identificações na frente, como primeiras, em relação aos investimentos de objeto; linha de pensamento que reforçará em *O Eu e o Isso* (1923). Faltava-lhe muito pouco para rela-

cionar o destino dessas primeiras identificações com a implicação do objeto, isto é, com a maneira pela qual o objeto primário se dispõe para o sujeito. O estado pré-constitutivo do eu indicaria o ponto de convergência com Winnicott, que se referia a tais identificações como *identidade primária* entre sujeito e objeto, ou *provisão* de SER por parte do objeto, um objeto subjetivo. Por outro lado, uma linha de continuação-renovação seria aquela que pudesse mostrar os elos entre a destrutividade winnicottiana e o ódio que em Freud é o momento de estabelecer as fronteiras - relação total de objeto - diferenciando o eu do não-eu. Freud encontra aqui uma raiz *negativa* numa fonte pulsional que não é - e não tem o caráter - das pulsões sexuais mas pertence à área das *necessidades*, da auto-conservação (veja acima). Tal contribuição, que ancora uma pulsão de morte nas necessidades de se *auto*-conservar, constitui o subsídio mais eficaz para a revolução winnicottiana.

A descoberta da pulsão 'destrutividade' em relação ao nascimento do *self* lança uma nova luz sobre um jogo infantil (relacionado ao célebre *fort/da*; Freud - 1920) ao qual se dedicam tão energicamente crianças entre 10 a 20 meses de vida. Trata-se do modo como esses jogam ou atiram objetos para longe, acompanhando, por vezes, os seus destinos. É notável como o jogar *para fora*, ou *para longe*, se faz sempre através de um *enquadre* (janela, grades ou traves do berço), como na lembrança de Goethe (Freud, 1917). É de um fracasso do enquadramento ou do *ambiente dos começos* em facilitar este *lançar-se para fora* que nos falam certas práticas suicídias - a última tentativa desesperada do sujeito de *ser*.

O interesse de Winnicott pelo papel do ambiente no desenvolvimento do mundo psíquico do bebê nos mostra como questões-chave da metapsicologia freudiana e da clínica psicanalítica podem encontrar,

surpreendentemente, respostas renovadoras no continente desconhecido no qual habitam as necessidades e as pulsões de auto-conservação. Uma direção muito inesperada para quem prefere beber nas águas da sabedoria de um certo freudismo. Em nome de uma coerência em torno do sexual, a fixação na teoria do apoio levou à confusão deste continente com o da biologia, gerando um efeito irônico quando da incorporação de elementos biológicos no interior da teoria sobre o psiquismo: por exemplo, quando Laplanche diz que, na tradução das mensagens fornecidas pela mãe, a criança lança mão inicialmente de funções biológicas.<sup>16</sup> Ao invés de deixar que tal heterogeneidade permaneça no seio da teoria psicanalítica, Winnicott renova a noção de apoio, dando um outro sentido para a sua origem. Assim ele pôde transformar, verdadeiramente, uma parte desconhecida, ainda em um estado embrionário, da teoria freudiana, o que implica remanejar, do ponto de vista metapsicológico, o conjunto do legado freudiano.

Ao considerar um eixo central da fase ulterior do trabalho de Winnicott me dou conta de que meu estilo pode parecer atípico para os integrantes do "paradigma winnicottiano" (será que este existe?). Apesar disto, no trato, tentei ser *fair* para com Winnicott: não o "peguei" pelas palavras, nem "cobrei" dele as disciplinadas distinções entre eu e *self* (e outras)... já que o fiz assumir, e publicamente, mais do que pôde admitir ao longo da sua brilhante caminhada (até o comentário sobre *Moisés*), e o fiz também reconhecer uma descendência a Freud, muito mais direta do que podia imaginar: um terceiro na origem associado à *destrutividade* em direção ao real; pulsão que faz ponte entre as de morte e de auto-conservação. Freud na companhia de Winnicott é a ocasião de um dos mais frutíferos diálogos que a psicanálise pode nos oferecer atualmente.

## NOTAS

1. "The Use of an Object in the Context of Moses and Monotheism" (1969) é o sétimo e último artigo do capítulo "On 'The Use of an Object'", in *Psychoanalytic Explorations (PE)*, coleção editada por Clare Winnicott, Shepherd R. e Madeleine D., e publicada pela Karnac Books, London, 1989.
2. Strachey fez do estudo e tradução dos escritos de Freud uma obra da própria vida. No obituario, que é contemporâneo ao trabalho citado (nota 1), Winnicott diz que "como resultado da visita que Strachey fez a Freud, ficou claro para o primeiro que o processo se desenvolve no paciente e o que dele transparece pode ser apenas utilizado mas não produzido. É isto que sinto da minha análise com ele e tentei seguir este princípio em meu próprio trabalho... Depois de passar pelas suas mãos, suspeito de qualquer descrição que credita à interpretação tudo que acontece na análise, perdendo de vista o processo que transcorre no paciente" ("James Strachey, Obituary", 1969. In: *PE*, p. 506-510).
3. H. Guntrip (1975) "My experience of analysis with Fairbairn and Winnicott. (How Complete a Result Does Psycho-Analytic therapy Achieve?)". *Int. Rev. Psycho-Anal.* 2:145-156. Após 150 sessões, ao longo de 4 anos, Harry Guntrip pôde dizer que o profundo e intuitivo insight de Winnicott "para dentro de um período da minha infância permitiu-me ter acesso a uma parte à qual muito necessitava chegar".
4. O "Comentário..." (nota 1) é a fonte das citações cuja referência não especificamos no texto.
5. "Postscript: D.W.W. on D.W.W.", in *PE* (569-583), onde se refere ao seu trabalho "Preocupação materna primária" (1956), cf. *Da pediatria à psicanálise*, F. Alves, 1972, p. 491.
6. Cf. C. LeGuen, *L'Oedipe originaire*, Payot, 1974, onde a precedência do *todo* em relação à parte é, como em Winnicott, um tema central e o ponto de partida da crítica aos kleinianos.
7. No texto "Individuação" (1970, in *PE*, p. 284), Winnicott confessa que nunca gostou da palavra *individuação*: "eu jamais a usaria". Porém o fato de ter encontrado este termo e seus derivados na citação trazida por Freud (ver abaixo) o faz partir dela para traçar a origem do *self* ou do acesso do sujeito ao real - do sentir-se real e a vivência da realidade do *objeto* (de estar *aí*, no real). A origem do *self* é calcada num processo *primeiro e primário*. Já a constituição do eu, da identidade e da individuação ocorrem em fases posteriores do desenvolvimento: quando se junta, sobre este substrato primário, o trabalho da libido, das pulsões, dos investimentos objetivos, do narcisismo, a área das projeções e as identificações cruzadas.
8. Cf. n. 5, e "Roots of aggression", in *The child, the family and the outside world*, Penguin, 1964.
9. O desenvolvimento do tema o uso do *objeto* encontra-se no capítulo citado na nota 1.
10. Cf. a análise do sonho de Winnicott no segundo artigo do capítulo citado na nota 1.
11. M. Klein (de 1929 a 1935), in *Love Guilt and Reparation and other works, The writings of Melanie Klein*, volume 1, Free Press, NY., e J.B. Pontalis, *Perder de vista*, Zahar, 1988.
12. Cf. "The capacity to be alone" (1958) in *The maturational processes and the facilitating environment*, Hogarth Press, 1965, p. 30.
13. Cf. "On the Split-off Male and Female elements to be found in Men and Women" (1966) in *PE*, 176-182.
14. Cf. "On lying fallow" (1977), in *Hidden Selves*, Int. Univ. Press, Inc., NY, 1984, p. 183.
15. "Ética, Judaísmo e Psicanálise: sobre a contradição judaico-cristã" (1996) *Bol. Nov. Pul.* 81:29.
16. Cf. *Percursos* n° 13, p. 85. Para uma crítica desta posição veja nossos trabalhos de 1994: "Sobre algumas metáforas freudianas fora da ordem/ficção da natureza" *Bol. Nov.Puls.* N° 59: 5-15, e "Somos mesmo laplancheanos em nosso Curso?", *Percursos* n° 12, p. 43-49.